

Desenvolvimento econômico e saúde

Bird recomenda priorização da saúde, em época de recessão

Documento do Banco Mundial pede que países latinos racionalizem gasto social, reduzindo-o, em épocas de prosperidade, para que, em situações de crise, haja capital para investir em educação e na área de saúde.

O Banco Mundial (Bird) divulgou, em junho, o documento principal resultante de seu estudo anual sobre a economia na América Latina e Caribe, objeto de discussão na “6ª Conferência sobre Desenvolvimento Econômico”, no Continente. O estudo sugere ações, no sentido de minimizar os efeitos das crises econômicas sobre as populações, principalmente em relação às classes mais pobres. Para a equipe que elaborou o documento, esses países devem racionalizar o gasto social, reduzindo-o, em épocas de prosperidade, para que, em situações de crise, haja capital para investir em educação e na área de saúde.

De acordo com o documento,

na atualidade acontece justamente o contrário, ou seja, o gasto social aumenta, em épocas de crescimento econômico, enquanto nos períodos de recessão, esse valor é reduzido. O Bird considera que políticas macroeconômicas embasadas, instituições financeiras fortes e programas de apoio à renda contribuem para que as crises econômicas tenham seus efeitos diminuídos.

O estudo ainda aponta como causas da instabilidade financeira a base da economia dos países latinos, assentada na exportação de produtos primários, como petróleo, minérios e café. Esses produtos, principalmente os agrícolas, além de ter um baixo preço, no mercado, estão su-



jeitos a variações de valor, em curto período de tempo. Para a equipe do Bird, apesar de a instabilidade econômica dos países em questão não ter aumentado, na década de 90, eles continuam economicamente mais voláteis que os países industrializados. Mais informações sobre o assunto foram publicadas no “Jornal do Brasil” do dia 20 de junho deste ano.

Sobrevivência pode estar ligada à droga

A vontade dos bebês de se alimentarem pode estar diretamente relacionada à presença de canabinóides, substância encontrada nas plantas do gênero *Cannabis*, no organismo. Um estudo realizado pela Universidade Hebraica de Jerusalém, em Israel, mostrou que ratos sem o composto químico não procuravam comida, morrendo, em poucas semanas.

Os canabinóides são obtidos normalmente pelos camundongos recém-nascidos, através do leite das mães. Os pesquisadores verificaram que, logo após o parto, o nível da substância aumenta nos animais que deram à luz. Quando foram injetados bloqueadores ao composto nos filhotes, eles deixaram de mamar. O papel dos canabinóides foi definitivamente comprovado,



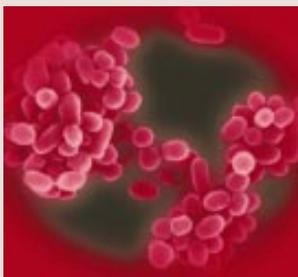
depois que a introdução da substância em quantidade a superar o efeito do bloqueador levou os camundongos a se alimentar.

Para a bióloga Ester Fride, que conduziu o estudo, é possível que o composto aja de maneira semelhante, nos seres humanos, já que ele também é encontrado no leite materno. Os canabinóides podem, assim, ser fundamentais para que os mamíferos se desenvolvam, diz Fride.

O aumento do apetite provocado pelo consumo da droga é fator preponderante para que alguns médicos a usem, com o intuito de tratar pacientes com Aids ou câncer. Mais informações sobre a pesquisa podem ser encontradas no jornal “Folha de São Paulo”, do dia dez de julho de 2.000.

Lançado medicamento contra *staphylococcus* resistente

Um medicamento lançado pela Aventis Pharma, em agosto, deve preencher a lacuna em termos de tratamento para as pessoas infectadas pela bactéria *staphylococcus*. Segundo informa o infectologista Eduardo Medeiros, presidente da Comissão de Infecção Hospitalar da Universidade Federal de São Paulo, “até então, a única opção para o *staphylococcus* era a vancomicina, mas, nos últimos anos, já foram relatados casos de



resistência àquele medicamento”.

O Brasil participou dos testes clínicos com cerca de 5.000 pacientes, segundo a diretora-médica da Aventis Pharma no Brasil, Sônia Dainese. Nos últimos dois, período em que os testes foram realizados, contribu-

íram pacientes, do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, Sírio Libanês, em São Paulo, entre outros.

As infecções hospitalares, pelas

quais o *staphylococcus* responde em cerca de 30%, atingem uma média de 10 milhões de pessoas, todos os anos, e representam, no Brasil, a sexta causa de mortes. Outras informações sobre o lançamento do Synercid podem ser encontradas no jornal “Valor Econômico”, do dia 14 de agosto deste ano. Na edição de número 20, a revista PHARMACIA BRASILEIRA trouxe, como matéria de capa, um texto abordando o grave problema da resistência de bactérias à vancomicina, antibiótico considerado a última palavra no tratamento de infecções graves.

Internet

Espionagem? Site americano vê o internauta para laboratórios

Já dizia o poeta brasileiro Paulo Tovar que a tv não é um veículo cego, pois vê o seu interlocutor. “Não pense que a tv nunca te vê./ Ela sempre te viu./ ela sempre te vê./ ela sempre tv”. Agora, parece que quem também vê o interlocutor é a Internet. Pelo menos é o que diz uma matéria produzida pelo “The Washington Post” (EUA) e reproduzida pelo jornal “O Estado de São Paulo”, na edição do dia 12 de agosto deste ano, com o título *Empresas farmacêuticas espionam hábitos de clientes pela Internet*.

Segundo a matéria, empresas farmacêuticas estão contratando, nos Estados Unidos, os serviços de uma firma de tecnologia para rastrear as pessoas que acessam os seus sites, na Internet. A prestadora do serviço, de acordo com o “The Washington Post” / “O Estado de São Paulo” é a Pharmatrak Inc. A empresa atua, verificando quais *homepages* os internautas estão frequentando e que tipo de informação estão buscando.

Segundo a diretoria da empresa, os dados conseguidos por ela e repassados aos seus clientes (as in-

dústrias farmacêuticas) permitem que estes façam comparações e aprimorem o conteúdo de suas páginas. Um de seus *slogans* é “measuring your web success”, ou “medindo seu sucesso na Internet”. De acordo com a Pharmatrak, também é possível deduzir qual é o perfil das pessoas que visitam os endereços de seus clientes na rede mundial de computadores, através do registro do lugar que estão usando a Internet e que páginas estão abrindo.

Advogados norte-americanos afirmam que o tipo de atividade prestada pela empresa viola a privacidade. Recentemente, foi assinado, nos EUA, um acordo para proteção desse direito. Embora sejam instalados códigos de identificação nos computadores, quando eles acessam páginas das indústrias farmacêuticas usuárias do serviço da Pharmatrak, a empresa afirma que não pretende identificar nomes e nem tirar proveito desta informação. A PHARMACIA BRASILEIRA encontrou o site da empresa. O endereço é www.pharmatrak.net.



Dengue e malária

Amazonas pode ter primeiro laboratório de biolarvicidas



O Governo do Estado do Amazonas foi buscar, em Cuba, parceria para que o Brasil tenha um laboratório para fabricação de biolarvicidas contra a dengue e malária. Há dois anos, houve um surto dessas doenças, no Amazonas, e todo o produto para o seu combate foi trazido de Cuba, único país no mundo que produz biolarvicidas.

A intenção é que a produção do laboratório seja capaz de atender, não só o Brasil, mas também toda a América Latina. O projeto conta com a participação de Cuba (40%), principalmente na área de tecnologia; do Governo do Amazonas (50%), e com a iniciativa privada (10%). Os investimentos estão orçados em R\$ 15 milhões.

Amazonino Mendes, governador do Amazonas, considera os níveis de malária, no Estado, “insustentáveis”. Para o governador, o laboratório “também estará gerando empregos e desenvolvimento econômico para o Norte do País”. Mais informações podem ser obtidas junto ao jornal “O Estado de São Paulo”, do dia 16 de agosto.

Genética

Patenteamento em discussão

A controvérsia em torno da influência do patenteamento de genes na pesquisa biotecnológica foi um dos objetos de discussão, no Congresso Mundial de Bioética, realizado, em junho, na Tailândia. Segundo deliberação final do evento, as patentes desestimulam tanto a pesquisa, quanto a fabricação de medicamentos, esse último em virtude dos encargos resultantes de *royalties*. Posição semelhante foi defendida por Salvador Bergel, jurista especialista em patentes e titular da Cadeira de Bioética que Unesco mantém na Universidade de Buenos Aires. Salvador manifestou sua posição, durante o 3º Congresso Brasileiro de Bioética, realizado em Porto Alegre (RS), em julho.

Para Berger, adotar o pagamento

de *royalties* como um procedimento na descoberta do gene, bem como pela droga desenvolvida a partir dele não torna interessante a produção de farmacogênicos, principalmente nos países em desenvolvimento. O jurista acredita que só a mobilização desse grupo de países é capaz de evitar o patenteamento. “É o único caminho, porque o *lobby* da indústria farmacêutica é tão poderoso que mesmo a Europa, que inicialmente vetou o patenteamento de genes, acabou aprovando uma diretriz que permite isso”, diz.

Dos 700 genes que já foram patenteados, nos Estados Unidos, alguns nem têm sua função conhecida. Para o jurista, o registro de descobertas que não são invenções, apenas meras descobertas da



natureza, é revoltante. “É como patentear o funcionamento do fígado, ou a descoberta de que uma bactéria causa uma doença, obrigando qualquer um que desenvolva drogas para tratar o fígado ou aquela infecção a pagar *royalties* por isso”, compara. Mais informações sobre o ponto de vista de Salvador Bergel estão no jornal “O Estado de São Paulo”, do dia cinco de julho de 2.000.

Presidente da ANVS defende gratuidade de medicamentos

A distribuição gratuita de medicamentos contra as doenças de maior impacto epidemiológico foi defendida por Gonzalo Vecina, presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVS, na 52ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Universidade de Brasília, em julho.

A distribuição, hoje, é feita somente para doenças, como tuberculose, hanseníase e aids. A eles seriam acrescidos drogas contra hipertensão, asma, diabetes, doenças gastrointestinais e neuropsíquicas. De acordo com Vecina, a distribuição, mais que instrumento capaz de controlar os preços dos medicamentos, “seria a forma mais importante para atingir, no setor farmacêutico, uma política de preços e uma política industrial compatíveis com as necessidades sociais do País”. Segundo o presidente da ANVS, 60% da população brasileira não têm renda suficiente para comprar medicamentos.

Embora o Governo esteja investindo recursos para elevar a qualidade dos medicamentos produzidos, no Brasil, Vecina afirma que ainda falta muito para que o Estado adquira um controle razoável do mercado farmacêutico. Segundo o diretor, nos últimos 30 anos, a política de *laissez-faire* (deixar fazer) reduziu a quase zero a regulação nas áreas de produção, distribuição, qualidade e preços dos medicamentos.



Gonzalo Vecina

Produção - Antes que a distribuição seja pensada, é preciso desenvolver a indústria de medicamentos. Para Gonzalo Vecina, o aumento da produção é uma das condições para que os fármacos sejam mais acessíveis. E acrescenta: “Isso não pode ser feito só pelo Governo. É necessária a participação ativa das indústrias para a elaboração de uma política efetiva de medicamentos”.

Mas para o diretor médico-científico dos Laboratórios Biosintética, Márcio Falci, fabricar medicamentos com competitividade é praticamente impossível. Entre os impedimentos, estão o financiamento burocratizado e os altos juros, os baixos investimentos e o tempo para que as patentes sejam registradas no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpe).

Falci afirma que só o desenvolvimento de um novo medicamento custa entre US\$ 300 e US\$ 500 milhões, enquanto o faturamento anual do Biosintética está em torno de US\$ 220 milhões. “É preciso que o Governo facilite o acesso aos financiamentos”, afirma. No debate, ocorrido na reunião do SBPC, estavam, além de Gonzalo Vecina e Márcio Falci, o professor da USP e pesquisador em Farmacologia Sérgio Henrique. Os jornais “O Estado de São Paulo” e “Jornal do Brasil” do dia 12 de julho de 2.000 deram matéria sobre o fato.

Humanismo

Projeto pede embalagens de medicamento em braile



As embalagens e rótulos de medicamentos poderão vir com uma diferença significativa, do ponto de vista social. Um projeto de lei, em tramitação na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, está pedindo que as embalagens tragam, em braile, a inscrição, o nome do produto, a indicação e a posologia.

De acordo com o deputado Jair Mariano (PPS/MT), autor do projeto, a determinação é de suma importância para que os portadores de deficiência visual estejam seguros de estar tomando o medicamento receitado pelo seu médico. Mariano afirma existirem casos de deficientes visuais que tomaram o medicamento errado, em Cuiabá, no Mato Grosso, porque as embalagens não traziam informações adequadas sobre o produto acessíveis aos portadores de deficiência visual.

O projeto abrange, em sua proposta, todos os medicamentos alopáticos e fitoterápicos, sejam nacionais ou importados. Todas as Comissões da Assembleia Legislativa do Mato Grosso aprovaram a matéria que seguiu para Plenário. A "Folha do Estado", do Mato Grosso, do dia 17 de junho trata do assunto.

Produtores de genéricos dos EUA são convidados a investir, no Brasil



O ministro da Saúde, José Serra, está buscando, no exterior, um paliativo para a falta de genéricos, no Brasil. Serra esteve, nos Estados Unidos, conversando com Robert Milanese, presidente da *National Association of Pharmaceutical Manufacturers* (NAPM), uma associação que reúne produtores, fornecedores e distribuidores de genéricos daquele País. O ministro quer estimular a importação desses medicamentos, por meio da associação, entre empresários americanos e brasileiros.

Milanese considera que, no caso do Brasil, importar é a melhor maneira de obter esses medicamentos, a curto prazo. "Instalar uma fábrica pode demorar", diz. O presidente da associação já avisou que vai comunicar aos integrantes do NAPM o interesse do País nos produtos que eles oferecem.

O mercado de genéricos, nos Estados Unidos, é extenso, abrangendo 42% das vendas de medicamentos com receitas, naquele País, mas nem por isso seus fabricantes deixam de enfrentar problemas. Segundo Milanese, sempre que podem, as multinacionais da indústria farmacêutica tentam prolongar a duração de suas patentes, a fim de barrar a concorrência.

Serra tem mantido contato com empresários de Israel, Canadá e Grã-Bretanha, com o objetivo de mostrar o potencial do mercado brasileiro para os genéricos. Também, visitou a Índia, um dos maiores produtores de matéria-prima para esses medicamentos. Poderá ser de lá que os produtores de genéricos importarão o insumo. Mais informações podem ser obtidas no jornal "O Estado de São Paulo", do dia oito de julho.

Forçando a oferta - O ministro Serra está mesmo tão disposto a forçar o aumento da oferta de genéricos, no País, que já deu autorização aos laboratórios Biossintética e EMS para importarem genéricos do Canadá e de Israel. Serra pretende, com essa decisão, estimular a concorrência entre a indústria brasileira e os laboratórios internacionais. Um dos fatores de maior peso na disputa pelo mercado brasileiro, a favor dos medicamentos estrangeiros, é o preço. Os genéricos importados devem chegar ao Brasil 40% mais baratos que os que estão atualmente à venda.

O leque de medicamentos importados incluirá drogas para doenças cardiovasculares, anti-inflamatórios, anti-hipertensivos e antibióticos. O ministro já avisou que o teste de bioequivalência, exigido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, para a comercialização dos genéricos, realizados, no Canadá e em Israel, serão aceitos, no Brasil. Genéricos aprovados, através do teste de bioequivalência, nos Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha, também serão reconhecidos, no País.

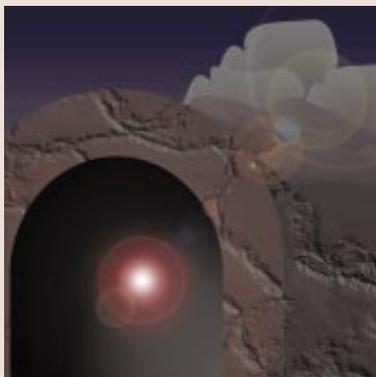
Cerca de 50 genéricos diferentes deverão estar entrando, no Brasil, segundo José Serra. Só a Biossintética vai comprar do laboratório israelense Teva 25 desses medicamentos. De acordo com o ministro, os importados ajudarão a regular os preços dos medicamentos e darão mais opções de compra para população. "O Estado do Maranhão", do dia 25 de junho, e "O Dia", do Rio de Janeiro, de 23 de junho, trouxeram matérias sobre a importação de genéricos.

Esquizofrenia pode ser evitada

Estudo liderado por brasileiro mostrou que é possível impedir desenvolvimento da doença

Ainda não foi encontrada uma cura para a esquizofrenia, mas estudos indicam que evitar o seu desenvolvimento pode estar muito próximo. Cientistas das Universidades de Yale e de Nova York (EUA) descobriram como a doença surge e, a partir do conhecimento do seu mecanismo, criaram um medicamento capaz de impedir o desenvolvimento da doença. O medicamento será testado, no próximo ano, em 1.500 adolescentes de 25 países, inclusive do Brasil, a fim de se verificar a sua eficácia. Estudos com 50 jovens obtiveram ótimas respostas.

A equipe de pesquisadores é liderada pelo brasileiro Jorge Alberto Costa e Silva, professor de Psiquiatria e diretor do Centro Internacional de Saúde Mental e Pesquisa da Universidade de Nova York. Através do estudo de imagens cerebrais funcionais (elas mostram o cérebro em funcionamento e são obtidas por aparelhos de ponta, em ressonância magnética), o grupo descobriu a gênese da esquizofrenia. No período compreendido entre o início da adolescência e o fim da juventude, o cérebro constrói novos circuitos entre as células nervosas e destrói outros, surgidos na infância. Segun-



do Costa e Silva, a esquizofrenia impede o cérebro de criar essas novas ligações.

Foram realizados testes com 50 jovens. Os testes foram repetidos em 40 adolescentes. Em ambos os casos, os grupos foram divididos em duas partes. A que tomou o medicamento não desenvolveu a doença. Dos 25 participantes do primeiro grupo que tomaram a substância inócua, oito apresentaram sinais de esquizofrenia. Por ser hereditária, só foram escolhidas pessoas cujos pais ou irmãos sofrem do mal. Para o médico brasileiro, tudo leva a crer que, se for possí-

vel impedir o desenvolvimento da esquizofrenia, nesse momento, ela nunca mais se manifestará. “Se conseguirmos confirmar isso, estaremos mudando totalmente a história dessa dramática doença”, comemora o Dr. Jorge Alberto Costa e Silva.

A fase da pesquisa a ser realizada, em 25 países, será coordenada por um comitê, presidido pelo pesquisador brasileiro. O objetivo é analisar os sintomas preliminares para saber se são os mesmos nas diferentes culturas, verificar se a evolução do processo é a mesma e se a resposta terapêutica será idêntica, explica o cientista.

A esquizofrenia é uma doença mental de fundo genético, em que a pessoa vive em um mundo à parte criado por ela. Seus efeitos podem ser atenuados com a ajuda de medicamentos, mas, segundo Costa e Silva, o máximo que se atinge é 60% de vida normal. O pesquisador estará, em outubro, no Brasil, apresentando os resultados do estudo no 18º Congresso Brasileiro de Psiquiatria. O jornal “O Estado de São Paulo”, de 27 de julho, publicou matéria abordando o assunto.

Lagarta assassina:

Veneno coagula sangue, ativando proteína

Dor de cabeça, febre, vômito, hematomas e possibilidade de hemorragia interna. Cientistas descobriram como o veneno da lagarta *Lonomia obliqua* produz essas reações, no organismo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Butantã e pela área de Hematologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revelou que a substância injetada nas vítimas, através das cerdas do animal, contém um componente capaz de ativar a protrombina, proteína que promove a formação de coágulos do sangue.

Os pesquisadores analisaram os vasos sanguíneos de ratos e constataram que as hemorragias e hematomas eram causados pelo aparecimento de coágulos ou trombos. Antes, eles purificaram e mapearam quimicamente o princípio ati-

vo do veneno, para descobrir qual era a sua natureza. Participaram do estudo o bioquímico Cleison Reis, a pesquisadora do Instituto Butantã, Ana Marisa Chudzinski-Tavassi, e o professor de bioquímica da Unifesp, Cláudio Sampaio.

Agora, o objetivo dos estudiosos é descobrir como o ativador do veneno interage com a protrombina. “Ainda não podemos tratar a coagulação com inibidores, porque existem outros fatores envolvidos, mas é o início para se medicar da forma correta”, afirma Cleison.

A “lagarta assassina”, como foi apelidada, levou à morte nove pessoas, entre 1989 e 1995, e foi responsável por 820 acidentes, até 1998, registrados, principalmente, na região Sul. Elas são encontradas em grupos, nos troncos de árvores, fazendo com que a pessoa seja vítima de várias delas, ao mesmo tempo. Outros casos foram evitados, depois que o Instituto Butantã desenvolveu um soro, mesmo desconhecendo o mecanismo de ação do veneno no organismo.

As primeiras vítimas da lagarta assassina chegaram a usar uma medicação contra o veneno de um inseto encontra-



do na Venezuela, que produzia reações semelhantes no corpo humano. Enquanto a substância da lagarta brasileira coagula o sangue, a da lagarta venezuelana dissolve trombos, fazendo com que a droga agravasse ainda mais o quadro clínico das pessoas afetadas.

A pesquisadora Ana Marisa explica que as conseqüências só não foram maiores pela cautela dos médicos, que receitavam doses pequenas dos medicamentos. Mais informações sobre a descoberta podem ser encontrados no “Jornal da Paulista”, da Escola Paulista de Medicina (Unifesp), nº 144, de junho de 2.000.